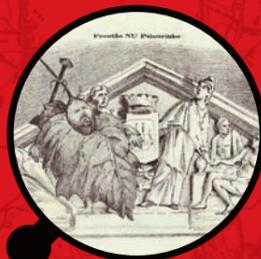
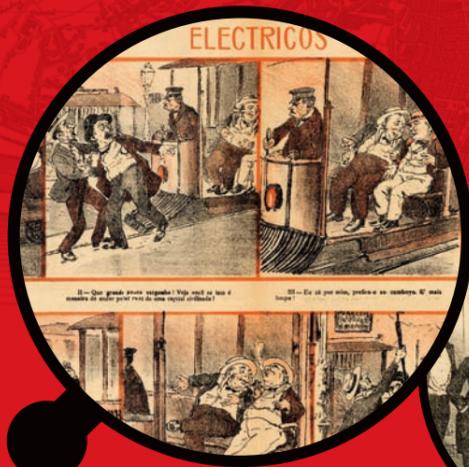


Museu Bordalo Pinheiro

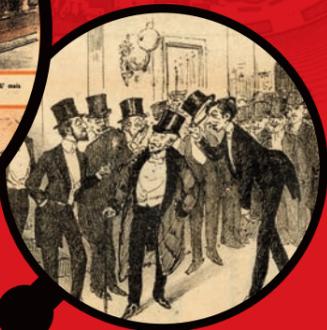
MARÇO  
JUNHO  
2017



"Frontão Nu Pelourinho"  
O António Maria, 21.09.1882.



"Electricos"  
A Paródia, 13.08.1902



"Os Tres Paramentos"  
A Paródia, 05.02.1902



LISB  
DE  
BORDALO



LISB  
DE  
BORDALO

Exposição



## A LISBOA DE BORDALO

Rafael Bordalo Pinheiro nasceu na Rua da Fé, na freguesia de São José, a 21 de Março de 1846 e viria a morrer a 23 de Janeiro de 1905, na casa onde viveu grande parte da vida, no largo que então se chamava da Abegoaria e que hoje tem o seu nome. Foi, portanto, um alfacinha de gema.

Mas, para além do local de nascimento e morte, a vida e obra de Bordalo foram essencialmente lisboetas, mesmo sem esquecer a passagem pelo Brasil nem a ligação às Caldas da Rainha, onde instalou a Fábrica de Faianças.

Lisboa é, no entanto, o grande cenário onde Bordalo se movimenta e o pano de fundo de grande parte da sua obra.

Nesta exposição convidamo-lo a palmilhar a cidade tal como Bordalo a desenhou e os lisboetas a viveram no final do século XIX. A proposta de passeio estende-se a nove zonas da cidade: Restauradores / Passeio Público–Avenida; Chiado; Rossio/Baixa/Paços do Concelho/Terreiro do Paço; São Vicente/Alfama; São Bento; Ribeira/Cais do Sodré; Belém/Ajuda; Fora de Portas e o Rio Tejo.

Lisboa e Bordalo são indissociáveis. Não se pode compreender a obra de Bordalo sem conhecer a cidade, a sua evolução e o valor simbólico dos seus espaços. Por outro lado, estudar os desenhos de Bordalo Pinheiro, afigura-se essencial à compreensão da cidade.

No final do século XIX Lisboa era o palco onde se desenrolava a vida política, social e cultural portuguesa. Portugal era um país parado no tempo, mal servido de transportes, de indústria, de escolas e de equipamentos culturais.

A Lisboa em que Bordalo viveu foi uma cidade em profunda evolução, acompanhando as novas tecnologias, as exigências da burguesia, as regras de conforto e salubridade e as modas que a Europa impunha. Basta lembrar que assistiu à abertura da Avenida da Liberdade ao aterro da margem do Tejo que hoje é a Avenida 24 de Julho, ou à construção do (já demolido) mercado da Praça da Figueira ou do Coliseu dos Recreios e estas mudanças foram sucessivamente referidas nas páginas dos jornais que publicou.

Apesar desta faceta de cronista da cidade, Lisboa raramente é apresentada por Bordalo de forma neutra ou inocente. As representações urbanas criam ambientes e dramatizam situações, contribuindo para o efeito humorístico em que sempre envolve a crítica política.

Neste caso, a representação dos palácios da Ajuda e de S. Bento é absolutamente paradigmática do uso de um monumento como elemento cenográfico metafórico onde o poder do rei e do governo é constantemente questionado.

Desta forma, a própria cidade é transformada em personagem da comédia bordaliana.

Mas uma cidade não é só feita de edifícios, ruas e praças, por isso Bordalo dispensou uma enorme atenção aos tipos populares e às tradições lisboetas, reproduzindo assim muitas das vivências da cidade, o que conferiu à sua obra um evidente interesse iconográfico e etnográfico, onde não faltam galegos carregadores ou aguadeiros, com o seu ar abrutalhado, ardinhas, fundamentais para a venda dos seus jornais, saloios, fadistas de má catadura e faca na mão ou varinas apregoando o peixe.

Em muitas representações estes tipos populares servem de “máscara” a personalidades da vida política, moldando-lhes assim um carácter regateiro, mandrião ou rufia, de acordo com a ocasião e a figura que transvestem.

Apesar de ser apresentado como uma figura do campo, é em Lisboa que também se passeia a sua figura mais conhecida, o Zé Povinho, onde se vai assistir incrédulo aos jogos de poder das principais figuras políticas da época.

Bordalo mistura assim a cidade com os seus habitantes, redesenhando os monumentos, mesclando personagens históricas com políticos da época e figuras populares, com resultados de um surpreendente e corrosivo humor.

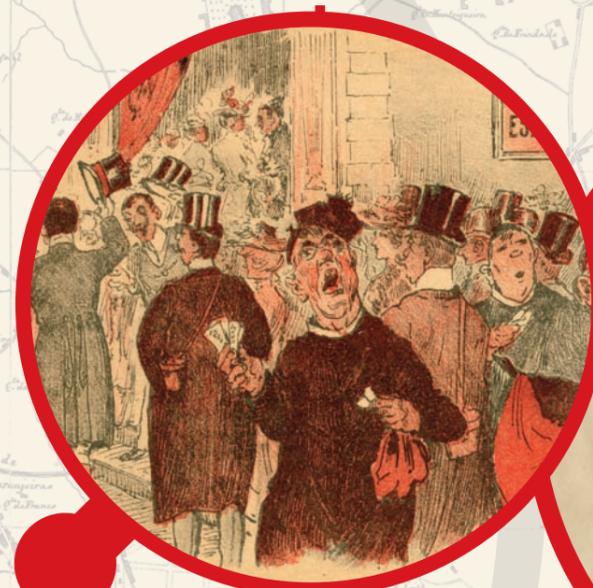
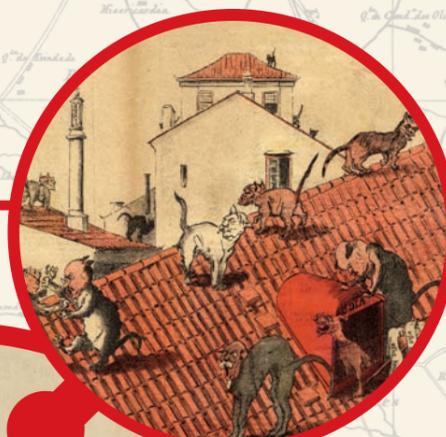
Esta exposição propõe uma visita bem humorada à Lisboa do final do século XIX, tal como Bordalo a desenhou e os lisboetas a viveram.

JAB

## LISBOA DE BORDALO

Exposição

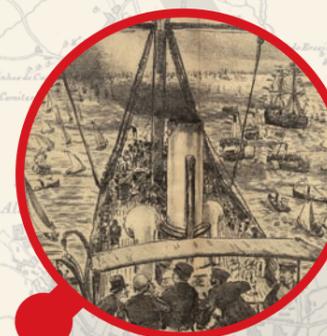
“O Janeiro”  
A Paródia, 16.01.1901



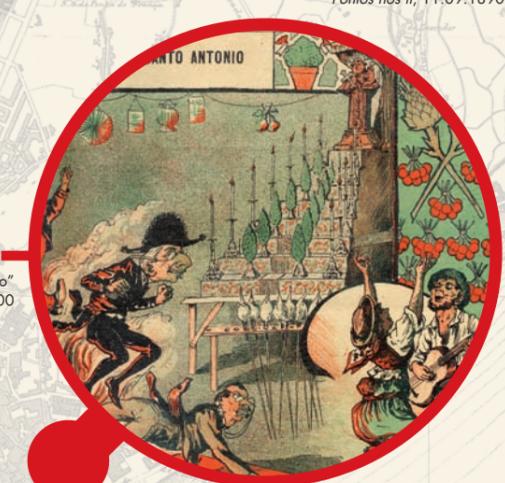
“A Quaresma nos Martyres”  
Paródia – Comedia Portuguesa, 31.03.1904



“Depois do Tratado”  
Pontos nos ii, 11.09.1890



“A Recepção de Capello e Ivens”  
Pontos nos ii, 19.09.1889



“O Arraial de Santo Antonio”  
A Paródia, 13.06.1900

### EXPOSIÇÃO

**Organização:** Câmara Municipal de Lisboa e EGEAC  
**EGEAC Administração:** Joana Gomes Cardoso, Lucinda Lopes, Manuel Veiga  
**Direção do Museu Bordalo Pinheiro:** João Alpuim Botelho  
**Comissariado:** João Alpuim Botelho  
**Investigação e Textos:** João Alpuim Botelho, Mariana Caldas de Almeida, Pedro Bebiano Braga  
**Desenho da Exposição:** Formiga Luminosa  
**Design Gráfico:** Formiga Luminosa  
**Serviços Educativos:** Ana Paula Rebelo Correia  
**Digitalização:** Cláudia Freire, José Avelar  
**Comunicação:** Gisela Miravent  
**Facebook:** Ana Pina  
**Apoio à Exposição:** Leonor Alvim, Cristiana Baptista, Rita Nobre de Carvalho  
**Montagem:** Formiga Luminosa

**Agradecimentos:** Inês Viegas (Arquivo Municipal de Lisboa), Isabel Castanheira, Joana Sousa Monteiro (Museu de Lisboa)

**MUSEU BORDALO PINHEIRO**  
**Direção:** João Alpuim Botelho  
**Investigação e Gestão das Coleções:** Mariana Caldas de Almeida, Pedro Bebiano Braga  
**Museologia e Documentação:** Cláudia Freire  
**Produção e Comunicação:** Gisela Miravent  
**Serviço Educativo:** Ana Paula Rebelo Correia  
**Secretariado e Produção:** Anabela Ramos  
**Bilheteira e Loja:** Ana Cristina Alves, Inês Brito de Araújo